

QUEM É GURDJIEFF?

por Olavo de Carvalho

"O diabo também tem os seus contemplativos, como Deus tem os d'Ele."

THE CLOUD OF UNKNOWING

"No esoterismo islâmico, diz-se que aquele que se apresenta a uma certa 'porta', sem ter chegado a ela por uma via normal e legítima, vê essa porta fechar-se diante dele e é obrigado a voltar para trás, não, entretanto, como um simples profano, o que é doravante impossível, mas como sâher (feiticeiro ou mágico que opera no domínio das possibilidades sutis de ordem inferior). O último grau de hierarquia 'contra-iniciática' é ocupado pelos chamados 'santos de Satã' (awlíya esh-Shaytân), que são de certo modo o inverso dos verdadeiros santos (awlíya er-Rahmân), e que manifestam também a expressão mais completa possível da 'espiritualidade às avessas'."

RENÉ GUENON

Raramente alguém menciona Gurdjieff sem acrescentar, levantando as sobrancelhas, que se trata de uma figura "misteriosa", "polêmica", e outras coisas do gênero.

Para nós ele não é nada disso. Quem quer que tenha tido a oportunidade de acesso aos ensinamentos espirituais das tradições reveladas (1) não encontra a menor dificuldade em identificá-lo como aquilo que ele verdadeiramente é. A atmosfera de mistério em torno do seu nome é apenas fruto da ignorância, embora nem sempre se trate de ignorância natural e inata, e sim de ignorância artificial e propositadamente fomentada pelos interessados na manutenção do mistério.

§ 1.

A "doutrina"

Gurdjieff passou por muitas escolas esotéricas, umas autênticas, outras degeneradas, sem permanecer em nenhuma delas por tempo suficiente para alcançar qualquer resultado espiritual apreciável (como diz Bayazíd al-Bistâmi, quem começa a abrir um poço aqui, depois outro ali, não encontra nada, ao passo que aquele que cava continuamente na mesma direção acaba por encontrar água abundante).

No entanto, ele não estava realmente interessado em resultados espirituais (dos quais alguém como ele está -- e sabe que está -- excluído a priori e irremediavelmente), e limitou-se a colher, de cada uma, certo número de técnicas e palavras-chave, referentes aos aspectos mais periféricos e vistosos da doutrina, para com eles compor um amálgama denso, opaco e obscuro, que veio a ser conhecido como a "doutrina Gurdjieff". (2) Ela é constituída, no exterior, de algumas iscas para atrair os curiosos e descontentes, e, no interior, de uma série de camadas concêntricas de enigmas e charadas progressivamente indelindáveis, até chegar à escuridão total. Tais enigmas são construídos com elementos -- simbólicos, doutrinários e rituais -- extraídos das tradições espirituais autênticas, mas oferecidos numa ordem propositadamente falsa e com uma sucessão de pequenos mas crescentes desvios, equívocos e rodeios, de modo que o emprego das técnicas deles derivadas não possa nunca levar aos resultados benéficos que deveria normalmente produzir numa via espiritual tradicional. O fascínio exercido sobre a mente dos intelectuais ocidentais pelo desafio de decifrar o enigma Gurdjieff é praticamente irresistível, mas ele não foi feito para ser decifrado, e sim para devorar a quem acredite na possibilidade de decifrá-lo. (3)

O estudo dessas "doutrinas" e a prática desses "métodos" leva a um estado de dúvida crescente e cada vez mais opressivo; e à medida que as trevas se adensam na sua mente, o estudante não raro cai na ilusão de estar-se "aprofundando" no conhecimento, quando em verdade está afundando na ignorância e no esquecimento. Incentivado pela crença dominante no preconceito "cartesiano" que concede à dúvida a primazia sobre a certeza, ele avalia seu avanço no conhecimento pelo critério subjetivo e individualista da sua própria dificuldade de entender as questões, ao invés de guiar-se pelo critério tradicional da evidência e universalidade das respostas; e, levado também por um fundo de complexo de inferioridade que os instrutores Gurdjieff sabem habilmente explorar, ele cai na armadilha de avaliar, paradoxalmente, a pretensa luminosidade da doutrina pela densidade da sombra que ela projeta sobre a sua mente; o que vale dizer que a sabedoria do "mestre" é avaliada pela confusão e imbecilidade que produz nos discípulos; e há mesmo um certo prazer masoquista no tom de apatetada consternação com que estes se confessam constantemente driblados pelo "mestre" e frustrados no seu intento de entender o que está se passando: "Mas ele é um bruxo!" dizem eles. A ilusão de poder algum dia sair desse emaranhado e tornar-se por sua vez um bruxo leva o estudante a permanecer

indefinidamente sob o fascínio de tais "ensinamentos". Sem perceber que o "mestre" é por sua vez otário nas mãos de outro mais maligno, e assim por diante até o cume de uma curiosa "hierarquia espiritual às avessas"; sem dar-se conta de que está sendo induzido em erro pelas contradições e falsas pistas propositadamente semeadas ao longo do caminho, e também parcialmente premido pela ambição de descobrir algo que ninguém jamais soube (sem reparar que isto o afasta para sempre da universalidade do quod omnibus, quod semper, quod ubique credita est, e o aprisiona irremediavelmente na estreiteza subjetiva), ele vai desenvolvendo um senso crescente e exagerado da complexidade e dificuldade das questões, até que as verdades mais corriqueiras e patentes lhe pareçam sujeitas a caução. No começo, isto pode parecer até mesmo um amparo contra o tédio, uma arma contra a opressão da "vida cotidiana", contra a tirania das crenças estabelecidas do mundo burguês; mas, longe de libertar o homem, acaba por conduzi-lo a um apalermado senso da impotência e da impossibilidade de conhecer o que quer que seja, até mesmo a sua identidade individual e os laços de sentimento que o ligam às pessoas mais próximas. Embora este estranhamento em face de quase tudo esteja nos antípodas da universalidade tradicional, que faz o homem compreender a todos os seres e coisas como se fossem letras ou palavras no "discurso evidente" (4) que Deus dirige sem parar a todas as criaturas,

e embora esse isolamento subjetivo se assemelhe antes à despersonalização esquizofrênica do que a qualquer estado espiritual conhecido nas místicas tradicionais, o homem que chega a tal estado apega-se com certo orgulho a seu sentimento, e passa a encarar como incompreensivos e profanos a todos os que não sentem como ele, a todos os que continuam vendo as coisas com uma dose normal de evidência e clareza. Chega um tempo em que ele sente como um dogmatismo tirânico e intolerável a crença de que os olhos vêem, a água molha e as galinhas botam ovos. E quando esta rebelião contra o óbvio chega ao ponto de tornar-se uma incompatibilidade radical contra o fato de dois mais dois serem quatro, então ele está preparado para abandonar o estágio de discípulo e tornar-se por sua vez um instrutor Gurdjieff.

§ 2.

Explicação do efeito

Esse efeito é produto da ruptura proposital da harmonia entre os ritmos das diferentes faculdades cognitivas, harmonia que as práticas tradicionais, do sufismo particularmente, se empenham em manter e fortalecer. (5) O sufismo descreve sete faculdades intelectuais básicas, cada qual correspondendo simbolicamente a um planeta do sistema solar, portanto a um determinado ciclo ou ritmo cósmico. E assim como os ciclos

planetários são de duração diferente (28 anos para Saturno, 12 para Júpiter, 28 dias para a Lua, etc.), também as diferentes faculdades cognitivas funcionam segundo "velocidades" diferentes, que no entanto formam, juntas, o padrão harmonioso do conjunto. Esta harmonia, no macrocosmo, é possível porque entre os vários ciclos existem certas analogias estruturais, pelo fato de que, grosso modo, eles se dividem em igual número de fases. Podemos ilustrar essa analogia dizendo que a Lua percorre em 28 dias as mesmas direções do espaço que Saturno percorre em 28 anos, isto é, que em tempos diferentes eles passam pelos mesmos signos do Zodíaco, de modo que estes representam a "medida" das diferenças entre os dois ciclos, e portanto também o parâmetro das suas semelhanças ou o seu "ponto de junção".

Tais analogias também existem entre as várias faculdades cognitivas no psiquismo humano. No simbolismo tradicional, o Sol corresponde à principal faculdade, que é a inteligência pura (enquanto Mercúrio, por exemplo, corresponde ao pensamento discursivo, Vênus à imaginação e memória, etc.). E, assim como as direções do espaço, do ponto de vista da Terra, não são demarcadas por outra coisa senão pelo movimento aparente do Sol, assim também, segundo o sufismo, a inteligência pura e supraformal instaura e demarca os padrões formais, os moldes lógicos e simbólicos dentro dos quais hão de operar as demais faculdades.

Deste modo, a contínua concentração da atenção num objeto único, transcendente e em si mesmo supraformal (Deus), acompanhada de práticas rituais e morais destinadas a eliminar a dispersão e demais obstáculos psíquicos, eleva todas as faculdades em direção à inteligência pura, fazendo com que todas as modalidades de representação formal concorram obedientemente para refletir o supraformal; desta maneira a imaginação, a memória, o raciocínio, etc., ao invés de se erguerem como obstáculos ante a verdade, transformam-se em superfícies translúcidas pelas quais a verdade pura e supraformal apreendida pela inteligência passa como uma luz através de um cristal; e assim todas as potências da alma concorrem harmonicamente para a visão intelectual de Deus, assim como no macrocosmo a harmonia do sistema solar provém dos liames das órbitas planetárias com o eixo solar.

O diagrama I mostra a harmonização dos ritmos de diferente extensão e igual estrutura:

DIAGRAMA I

Se, porém, ao invés de concentrarmos a inteligência num objeto único e transcendente (6) e de disciplinarmos as faculdades para que obedecam à inteligência, bombardearmos qualquer das faculdades com um excesso de estímulos e solicitações, o resultado será que os ritmos internos se desconectarão uns dos outros, e as faculdades não poderão mais colaborar entre si. A vítima deste processo passa a ter dificuldade, por exemplo, de simbolizar com a imaginação aquilo que compreendeu com o pensamento discursivo, ou de formular racionalmente aquilo que apreendeu pela imaginação, ou ainda de condensar em decisões, em atos de vontade, aquilo que compreendeu ou imaginou. (7) O diagrama II ilustra esquematicamente o que queremos dizer:

DIAGRAMA II

Pequenas disritmias entre as várias faculdades são um evento normal na vida diária, e podem ser vencidas seja pelo esforço voluntário, seja por uma ajuda suplementar dada a alguma das faculdades (por exemplo, um símbolo visual pode ajudar a imaginação e integrar um conhecimento abstrato;

a ingestão de um remédio homeopático pode ajudar a imaginação a encontrar os símbolos de que necessita, um movimento ritmado pode ajudar a condensar o pensamento num ato de vontade, etc.). A aquisição de qualquer conhecimento novo requer também uma defasagem momentânea, que é compensada em seguida por uma harmonização maior num nível mais alto de integração. (8) A capacidade de aprendizado pode ser muito ampliada aumentando-se a tolerância aos estados de defasagem. Isto depende do conhecimento doutrinal, bem como da fé e da esperança, que sustentam o esforço nos momentos de obscuridade e confusão passageira. O esforço maior e mais prolongado é então recompensado por um conhecimento mais profundo ou mais seguro. Crede ut intelligas; intellige ut credas; "cré, para entenderes; entende, para creres".

Mas -- e aqui entra o gurdjieffianismo -- é possível perverter inteiramente este processo, criando, de um lado, um estado de defasagem crônica e crescente, e, de outro lado, estimulando a vítima mediante a atração de uma pseudo-recompensa que se substitua ao conhecimento e a induza a buscar sempre uma nova defasagem, uma nova dissonância, um novo desafio, sem ter jamais chegado a vencer o anterior. (9)

A defasagem pode ser produzida, como vimos, pela estimulação exagerada das faculdades inferiores (isto é, daquelas que, por si mesmas, têm baixa capacidade de integração,

como as sensações ou os sentimentos), ou ainda pela estimulação propositadamente incoerente de duas ou mais faculdades.

Não vamos descrever aqui os processos de defasagem artificial gerados pela escola Gurdjieff, porque eles são bastantes conhecidos -- evidentemente, sob o rótulo de exercícios para a integração das faculdades superiores do homem. Estudos recentes provaram que muitas seitas aberrantes -- pura ampliação popular do gurdjieffismo -- empregam deliberadamente o jogo da informação e contra-informação para criar estados de confusão e dependência em seus discípulos. Gurdjieff foi, em nosso século, o pai de todas essas técnicas. Ao nomear-se "o arauto do bem vindouro" (The Herald of the Coming Good), ele mostrava estar consciente da breve invasão do mundo pela pestilência dos Moon, Rajneesh, etc.

Só para dar um exemplo de como a coisa funciona, pode-se imaginar o quanto de defasagem é possível gerar quando se ordena que alguém trace com os pés uma figura geométrica baseada na sucessão $2 \times 1 = 6$, $2 \times 2 = 12$, $2 \times 3 = 22$, ao mesmo tempo que recita em voz alta a sequência $2 \times 2 = 1$, $4 \times 4 = 13$, $5 \times 5 = 28$; ou quando se manda alguém derrubar um grosso pinheiro a golpes de colherinha de café ao mesmo tempo que decora um poema e recita interminavelmente um mantra. São realmente exercícios Gurdjieff, e o atrativo que eles despertam

em muita gente reside tão-somente na expectativa que
são se cumpriria se tais exercícios não tivessem sido
concebidos especialmente para jamais chegar a um
desenlace feliz e se não fossem continuamente substituídos
por novos e mais intrigantes "desafios". A habilidade do
instrutor Gurdjieff reside em trocar esses exercícios
(que podem ser dados inclusive sob a forma de situações
vivas, sem que ninguém avise que se trata de exercícios),
exatamente no momento em que a vítima está a ponto de desistir
e de confessar sua derrota. Isto cria um estado de permanente
anseio sem satisfação: a ampliação da fome acaba por
constituir um ersatz de comida. O próprio Gurdjieff dizia
que era preciso manter os discípulos "à beira do colapso
nervoso". Certa vez Gurdjieff, fazendo-se de irritado,
perguntou a seus discípulos: "Vocês pensam que eu estou
aqui para lhes ensinar a masturbação?" Nenhum dos presentes
foi sábio o bastante para perceber que a única resposta
verdadeira era: "Sim". O excesso masturbatório de desafios
sem proveito leva a um estado que os gregos denominavam
hybris, que significa a esterilidade a que é levado aquilo
que, pelo exagero, esgotou suas possibilidades de nascimento
harmônico e normal. A cada passo, o aluno é convidado a
avançar mais outro na escala da esterilidade. A passagem
a um grau cada vez maior de complexidade e dificuldade é
explicada então como uma ascensão na hierarquia esotérica,
e a satisfação assim dada ao orgulho do discípulo funciona
como uma compensação para a derrota sofrida pela inteligência

e pela vontade. O empedramento da inteligência e a inflação orgulhosa do ego são os critérios de "ascensão espiritual" nesta singular "escola mística".

Compreende-se então o sentimento de "aprofundamento" que os discípulos experimentam, e também o fato de que se alguém detentores de enormes "segredos" ao mesmo tempo em que vão dando mostras cada vez mais evidentes de degenerescência intelectual, que chegam mesmo, em casos extremos, ao nível da estupidez. Numa curiosa inversão dos processos tradicionais, onde o desvelamento de mistérios leva a um estado de evidência, de plenitude da inteligência, de transparência do real, o que acontece com as vítimas Gurdjieff é que nelas se desenvolve, pela opacidade crescente, um senso de amor ao segredo enquanto tal. É que, ao invés de terem desvendado algum segredo, ao contrário: o que era patente aos olhos de todos tornou-se segredo para elas. (10) Como símbolo da capacidade de visão espiritual, a águia está para os místicos assim como o avestruz está para os gurdjieffianos.

O processo é acompanhado de um senso -- igualmente "secreto" -- de impotência e revolta (sobretudo de revolta contra a inteligência normal capaz de expressar-se em formas transparentes), e é deste sentimento obscuro, rancoroso, soturno, que provém a impressão de intensidade emocional

que essas pessoas transmitem, e que não raro assusta os espectadores, os quais caem por sua vez no trágico engano de tomá-la como sinal de "intensa vida interior" e de acreditar que quem pode atemorizá-los também deve ter algo para lhes ensinar. E assim vai-se perpetuando o engodo (11), até atingir-se o ideal da estupidez perfeita coroada pelo grau máximo de orgulho, pretensão e arrogância.

Em suma, Gurdjieff transforma ouro em chumbo: é um professor de esquecimento, um vidente da opacidade. Mais que um cego guia de cegos, é um transmissor de cegueira,

§ 3

Inversão dos símbolos

Essa alquimia invertida não nos espanta, aliás, porque não é somente nisto que ele toma as coisas às avessas. Ele faz o mesmo com um grande número de símbolos tradicionais. Por exemplo, nas obras escritas que compendiam a "doutrina" gurdjieffiana, Hussein -- nome do neto do Profeta Mohammed (Maomé, fundador do Islam e, a fortiori, do sufismo) -- passa a ser o nome do neto de Belzebu; Judas é apresentado como "o maior santo da Cristandade"; e o ser humano passa a ser "um corpo que nasce sem alma" (só podendo adquirir uma mediante os exercícios Gurdjieff e mediante -- é claro -- uma certa quantia em dinheiro); ao passo que nas doutrinas tradicionais a alma antecede logica e ontologicamente o corpo,

que não é mais que sua cristalização provisória; e assim por diante.

Tomar as coisas às avessas é o trabalho por excelência do "Adversário" (ad versus = "pelo verso"), ou, em árabe, Shaitan, que se traduz habitualmente como Satã -- o que não quer dizer que Gurdjieff seja Satã, e sim apenas um satanista. Prova de que ele não é o capeta em pessoa é que seu delírio de grandez o levou somente a rotular-se Belzebu, ao passo que Belzebu se proclama um segundo Deus.

Se ele toma o esquecimento como conhecimento, é de se esperar que tome também a fraqueza como força, e seu famoso handblezoïn -- corrente sutil de "energia" com que ele fascinava e perturbava profundamente seus discípulos -- não é na verdade senão o efeito, sensível fisicamente, na pele, de um certo tipo de degeneração celular provocada pela contínua quebra da harmonia orgânica. Esta degeneração atinge todos os órgãos do corpo -- na autópsia de Gurdjieff não se encontrou um único órgão que não estivesse podre, numa curiosa inversão da incorruptibilidade dos corpos de santos -- e seu efeito é tão devastador que a presença do doente provoca tremores, calafrios e sensação de fraqueza nas pessoas presentes, sem que estas entendam o que se passa.(12) Se tais pessoas, ao invés de comparecerem ao encontro predispostas a

defrontar-se com um "mestre", estivessem avisadas de que se tratava apenas de alguém excepcionalmente doente, essas sensações não seriam fantasiosamente explicadas como mostras de "poder espiritual"; na verdade, se há algum poder nisso, ele é do mesmo gênero daquele que os leprosos e tuberculosos também possuem.

Esse estado não é somente uma doença, mas o resultado de certas operações que visam precisamente a criar uma capacidade de gerar malestar, capacidade que constitui a base para inúmeras prestidigitações posteriores. A "técnica", arqui-conhecida e milhares de vezes denunciada por todas as tradições, consiste sumariamente em cometer transgressões metódicas e crescentes a todas as leis morais, naturais e divinas (incluindo as leis da lógica e da gramática), até que o indivíduo se torne uma espécie de foco e compêndio de desequilíbrios e carências, apto a arrastar na voragem a quantos se aproximem, desavisados, da beira do poço. É claro que o personagem de tais operações só se mantém de pé, depois de um certo ponto, graças àqueles que o cercam, e que vão servindo de contrapeso aos seus desequilíbrios (ao contrário dos grandes místicos, que por definição apreciam a vida solitária, Gurdjieff jamais ficava sozinho por mais de alguns minutos), até que eles mesmos passem a necessitar de contrapesos por sua vez, o que explica a voracidade

com que as organizações Gurdjieff aliciam e consomem discípulos, gerando com uma rapidez espantosa multidões de desequilibrados, ao ponto de em certos casos levantar graves ameaças à ordem social (como no caso Rajneesh). Daí o temor obsessivo que os gurdjieffianos sempre têm de que os outros lhes "roubem suas energias". As "técnicas" fornecidas para evitar esse pretense roubo os colocam então numa atitude de permanente suspeição e espreita, e as artimanhas mentais que concebem para livrar-se de seus supostos inimigos lhes dá o ar vagamente lupino -- entre assustadiço e feroz -- de quem não pode dormir em paz. E este sobressalto permanente e neurótico, tomado, para cúmulo de ingenuidade, como domínio de si e vigília espiritual, é por sua vez gerador de novos e intermináveis desequilíbrios.

O processo funciona mais ou menos como o "moto perpétuo" descrito no capítulo II dos Relatos de Belzebu: baseado no princípio de que "tudo cai" (que ele denomina "lei de queda"), basta, em cada nível cósmico, "retirar as resistências de baixo" para que tudo caia indefinidamente a um plano qualitativamente inferior. Quer se trate de uma resistência moral, quer seja um ponto fraco qualquer na estrutura do pensamento lógico de um indivíduo, o gurdjieffianismo opera pela "linha de menor resistência", que pode tornar difícil o fácil, obscuro

o evidente, pesado o leve, e fazer em pouco tempo de um homem normal um doente, de um intelectual um idiota e de um homem decente um ladrão. (13) É uma inversão completa da escalada espiritual. Como diz whitall N. Perry, "o mal não tem uma realidade própria, mas gruda-se como uma sombra no lado escuro da manifestação, com a 'gravidade' ou sucção do seu próprio vazio". (14)

§ 4.

Quem é Gurdjieff

Pelo que dissemos até agora, já é possível entender que Gurdjieff -- longe do que gostariam de imaginar aqueles que preferem explicar tudo por motivações simplórias e materialistas, e que, aliás, na sua incredulidade aparente, são as mais crédulas vítimas para o gurdjieffianismo -- não é um simples "charlatão" no sentido corrente e humano do termo. Por outro lado, não sendo, obviamente, um mestre espiritual, ele só pode cair na categoria daquilo a que algumas tradições chamam "ascetas do mal"; são figuras que, ao longo da história, em tempos normais, permanecem relativamente obscuras e desconhecidas, vindo porém à plena luz do cenário público em épocas de extrema decadência espiritual como o fim do Império Egípcio, os últimos dias de Roma ou este nosso atormentado fim da Era Cristã.

Com toda a sua anormalidade, grosseria, malícia e estupidez, eles têm no entanto a sua função no conjunto da economia cósmica. Seu papel, dentro da doutrina tradicional dos ciclos cósmicos, é promover e acelerar o fim. Retiradas as resistências tradicionais (rituais e legais) que durante as épocas normais da civilização os mantinham a uma saudável distância da humanidade comum, eles avançam pelos portais adentro, e fartam-se num banquete sangrento com as almas dos incautos. Poucos são aqueles que, diante dessa invasão, se lembram de buscar abrigo junto às velhas e infalíveis defesas da religião tradicional, defesas que, enquanto durem intactos os ritos e preceitos, permanecem eficazes até o último dia, e "contra elas não prevalecerão as portas do inferno". Ao contrário: a maioria, se não se entrega como bois ao matadouro, busca frágeis refúgios à sombra de explicações ideológicas e evasivas pseudocientíficas de moda, que não fazem senão facilitar ainda mais o trabalho do invasor.

Os "ascetas do mal" equivalem, tecnicamente falando, àquilo que na mitologia grega -- e também no Budismo -- recebe o nome de titãs: são seres que, mediante esforços e sofrimentos aberrantes -- voltados, nas palavras do próprio Gurdjieff, "contra a Natureza, contra Deus" -- conseguem tornar-se o polo de vastos desequilíbrios em torno, arrastando a muitos para a voragem da dissolução

total e irremediável (para a qual, é claro, não existe qualquer recompensa espiritual).

Tais figuras não apenas não são nada difíceis de identificar -- exceto para quem desconheça tudo das doutrinas tradicionais ou já esteja entorpecido por alguma prática de tipo Gurdjieff --, como também a capacidade de identificá-las e evitá-las é mesmo como que um requisito indispensável e preliminar para aqueles que desejem seguir uma via espiritual dentro do quadro das religiões tradicionais. Muitos santos e místicos das grandes religiões, antes de encontrar seu caminho, foram vítimas de titãs travestidos em mestres espirituais. Santo Agostinho foi enganado pelos maniqueus, e o maior homem espiritual do Islam em nosso século, o sheikh argelino Ahmed El-'Alawy, disse mesmo que "jamais houve um mestre espiritual a quem Deus não pusesse a prova, mandando-lhe alguém que o enganasse, ostensivamente ou pelas costas".

§ 5.

Pergunta sem Resposta

Finalmente, um aspecto interessante do gurdjieffianismo -- e do qual os próprios gurdjieffianos, incapazes de tirar qualquer conclusão mesmo dos indícios mais óbvios, jamais se dão conta -- é o seguinte:

No seu livro Relatos de Belzebu, Gurdjieff diz que o rito central do Cristianismo, a Eucaristia, foi um rito de "magia antropofágica" no qual Jesus teria dado pedaços do seu corpo a comer e goladas do seu sangue a beber. Esta "informação" é seguida de severas críticas à Igreja Católica por ter-se "esquecido do sentido originário do rito".

É claro que a interpretação dada por Gurdjieff contraria a letra dos Evangelhos (os quais falam que Cristo partiu pão e serviu vinho, e chamou ao pão "carne" e ao vinho "sangue"); é claro também que ela fere o mais elementar senso estético e rebaixa o símbolo tradicional a um literalismo profanatório e grotesco; e é claro também que ela é incompatível com o simbolismo não somente cristão, mas universal, segundo o qual o pão representa a doutrina exotérica e o vinho os conhecimentos espirituais.

Mas o mais interessante é que Gurdjieff complementa a crítica oferecendo uma alternativa ao "cristianismo decadente": ele afirma que sua própria escola não é senão "Cristianismo esotérico", isto é, o Cristianismo originário em sua forma mais pura e inalterada.

Diante destes dados, temos o dever de perguntar: os gurdjieffianos e similares, sendo, como se intitulam, "cristão primordiais", praticam ou não praticam o rito essencial do "Cristianismo primordial", na forma em que eles mesmos o descrevem?

Se não praticam, então seu pretenso Cristianismo esotérico é apenas teórico, sem mais interesse do que qualquer curiosidade acadêmica, daquelas a que eles mesmos tanto criticam.

Se praticam, então são antropófagos.

- o -

E não há mais nada a dizer sobre este assunto.

NOTAS

(1) Referimo-nos às grandes religiões universais, fora de cujas místicas é impossível encontrar qualquer "ensinamento espiritual" que valha. Em outras palavras: a mística, de qualquer natureza, requer a filiação preliminar a uma ortodoxia revelada -- por exemplo, o Catolicismo, o Judaísmo, o Budismo, o Islam, em suas formulações tradicionais -- e fora disto só é possível tropeçar com gurdjieffs e coisas afins.

(2) Tudo o que diremos de Gurdjieff aplica-se igualmente a seus discípulos e continuadores, quer àqueles que se apresentam formalmente como discípulos, quer aos que se filiam ao "cisma" de Uspensky, quer aos que se disseminaram pelo mundo sob outros rótulos e sem ligação visível com o gurdjieffianismo (Rajneesh, Oshawa, Pak Subuh, etc.), quer, finalmente, àqueles que, na maior piada do século, se denominam os seus "mestres" (Idries Shah, Omar 'Ali Shah, etc.). Em todos esses casos, as técnicas e "doutrinas" variam somente em estilo e cor local.

(3) Sobre o caráter premeditadamente insolúvel desses enigmas e charadas, v. o Cap. I do nosso livro O Pseudo-Sufismo no Ocidente.

(4) Corão, II: 1-2. Sobre este tópico, v., de um lado, Plotino, Enéada II, Tratado III, § 7, e, de outro, o simbolismo das letras no sufismo, tal como exposto em Martin Lings, A Sufi Saint of the Twentieth Century, London, Allen & Unwin, 1973, Chap. VII.

(5) V. Seyyed Hossein Nasr, The Long Journey, em Parabola, Vol. X nº 1, feb. 1985.

(6) O termo "objeto", aqui, deve ser entendido em modo figurado; no processo da realização espiritual, Deus é Objeto e Sujeito ao mesmo tempo.

(7) A inconclusividade, a dificuldade extrema de tirar conclusões das premissas mais óbvias, que é um traço proeminente dos discípulos e egressos de tais "ensinamentos", explica-se assim pelo fato de que o "tempo" do raciocínio lógico se torna demasiado lento em face da velocidade vertiginosa em que passa a operar a memória sensível ou afetiva, sobrecarregada de informações: entre duas premissas e uma conclusão, introduz-se uma avalanche de recordações automáticas que desviam o pensamento do seu objetivo.

(8) Toda "irregularidade" parcial é assim reabsorvida na harmonia do todo.

(9) Daí a idealização da "busca infinita do conhecimento", que é a inversão satânica do conhecimento infinito.

(9a) V. Flo Conway and Jim Siegelman, Snapping. America's Epidemic of Sudden Personality Changes, Ney York, Lippincott, 1978.

(10) A seita de Idries e Omar 'Ali Shah, curiosa organização gurdjieffiana que se faz passar por uma taríqah (escola sufi, isto é, da mística islâmica), chega mesmo ao requinte de usar o lema, autenticamente sufi, de que "o segredo se protege a si mesmo". Os discípulos não percebem que, no caso, eles protegem o segredo contra o assédio deles mesmos, incapacitando-se assim para qualquer ensinamento espiritual real.

(11) Mas a raiva tem um dinamismo próprio, e acaba por gerar, no lugar da inteligência, uma malícia, uma astúcia capaz de todos os sofismas: a trágica consolação oferecida pela perda da inteligência é a capacidade de confundir, embotar e finalmente sufocar a inteligência alheia.

(12) Rom Landau, famoso repórter, descreve estas sensações, que experimentou durante um encontro com Gurdjieff. Tivemos pessoalmente a ocasião nada memorável de sentir as mesmas coisas, em encontros com um notório gurdjieffiano argentino, que aliás suspeitamos ser mesmo um dos inúmeros filhos que Gurdjieff gerou em suas discípulas no Castelo do Prieuré.

(13) A mesma organização mencionada na nota 4 confessa abertamente sua técnica de retirar as resistências morais inferiores, após o que seus discípulos se tornam "delinquentes, ladrões e mentirosos"! (Cf. O Sufismo no Ocidente, trad. bras., Rio, Dervish, 1983, que é o "manual" oficial dessa pseudo-tariqah.)

(14) Whitall N. Perry, Gurdjieff in the Light of Tradition, Bedford, Middlesex, Perennial Books, 1978 (2nd. impr., 1979), p. 53, n. 18.